

INTERPELANDO O CROSSFIT COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL DE EDUCAÇÃO DO CORPO

ADDRESSING CROSSFIT AS A CULTURAL PEDAGOGY OF BODY EDUCATION

Jerlane Santos Abreu **1**
Fabio Zoboli **2**

Resumo: O presente ensaio objetiva interpelar o CrossFit enquanto objeto de estudo da Educação na medida em que esta prática corporal se insere como parte de um artefato/pedagogia cultural e como tal é dispositivo e tecnologia de melhoramento corporal para construção de significações no contexto das relações de poder/saber sobre os corpos. Parte-se do pressuposto de que na Educação não se pesquisam corpos, mas sim o corpo no contexto de suas práticas. Defende-se que o CrossFit é uma prática corporal que se insere dentre os inúmeros processos educativos dos corpos/sujeitos que não se reduzem aos ambientes formais de educação e que se desdobra para possibilidades múltiplas de investigação. Conclui-se que em consequência disso, esta prática corporal implica nas reflexões críticas acerca das objetificações, assujeitamentos e construção de subjetividades dos corpos, ações essas essenciais para a produção de significados, representações e a reflexão dos horizontes normalizadores da sociedade.

Palavras-chave: Crossfit. Estudos Culturais. Prática Corporal. Pedagogia Cultural. Educação do Corpo.

Abstract: This essay aims to challenge CrossFit as an object of study of Education as this body practice is inserted as part of a cultural artifact/pedagogy and as such it is a device and a technology of body improvement for the construction of meanings in the context of power/knowledge relations over bodies. It is based on the assumption that in Education one does not research bodies, but the body in the context of its practices. It is argued that CrossFit is a body practice that is part of the numerous educational processes of bodies/subjects that are not reduced to formal environments of education and that unfolds itself for multiple possibilities of research. It is concluded that, as a consequence, this body practice implies critical reflections about the objectifications, anti-subjectification and construction of subjectivities of the bodies, actions that are essential for the production of meanings, representations and the reflection of the normalizing horizons of society.

Keywords: Crossfi. Cultural Studies. Body Practices. Cultural Pedagogy. Body Education.

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe-UFS/
São Cristóvão-SE (2021). **1**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4131593602849124>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5753-4263>.
E-mail: jerlaneabreu@gmail.com

Pós Doutorado em “Educação do corpo” pela Universidad Nacional
de La Plata -UNLP/Argentina. **2**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0682121655932961>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5520-5773>.
E-mail: zobolito@gmail.com

Introdução

Este ensaio interpela a prática corporal do *CrossFit* enquanto objeto de pesquisa da educação, rico em possibilidades de investigações críticas e reflexivas sob a perspectiva da educação do corpo. Deste modo, o presente ensaio parte do pressuposto de que na Educação – como campo de saber das ciências humanas e sociais – não se pesquisam corpos, mas sim o corpo no contexto de suas práticas, no âmbito dos seus usos sociais. Pretender investigar “corpos” em detrimento de suas práticas significa reduzi-lo ao seu lado natural e físico, é colocar sua biologia à frente do social incorporado, é confundir o natural com o naturalizado (GALAK, 2014). Ou seja, o corpo só pode ser objeto de estudo da Educação, a partir de suas práticas que o tomam como campo empírico sob a forma de fenômenos recortados destas práticas culturais humanas. Por isso, pensar o conceito de “educação do corpo” se faz central na interpelação que faremos ao corpo neste escrito, afinal educar um corpo é transmitir a ele modos políticos e sentidos estéticos frente a seus usos culturais (GALAK, 2014).

O termo “práticas corporais” é aqui utilizado em contraposição ao termo “atividade física”, que consideramos etimológica e conceitualmente reducionista tendo em vista que é eventualmente utilizado para expressar o modo usual das ações do corpo a partir da episteme anátomo-biologicista e fisiologista das ciências naturais. Para justificar o uso do termo práticas corporais, corroboramos com Crisorio (2015, p.10) que faz uso do mesmo “para significar un cuerpo que nunca puede separarse de su práctica, en el que nunca puede aislar se algo como un substrato natural o un principio substancial, se a físico o biológico.”

O *CrossFit*, como prática corporal, pode ser visto como um elemento de empreendimento do corpo, cujos objetivos se inserem na perspectiva do “dever ser”, também se insere na propagação da cultura do corpo *fitness*¹. Esta prática corporal surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, originado pelo ex ginasta Greg Glassman. O *CrossFit* atingiu seu ápice na década de 1980, segundo Landa (2009), e foi propagada como um movimento no qual disseminou tantos novos olhares para os conceitos e sentidos de saúde e beleza, quando para novos olhares sobre a atuação do Profissional de Educação Física, especificamente nos contextos de educação não formal da Educação Física, o que consequentemente trouxe novos sentidos para educação do corpo.

O *CrossFit* já é conhecido como um fenômeno que em poucas décadas de sua origem já vem sendo disseminado como “filosofia de vida” pela maioria dos praticantes. O *CrossFit* chegou ao Brasil no ano de 2009, trazido pelo atleta e instrutor Joel Fridman. Hoje, possui mais de 15 mil filiados no mundo e no Brasil já possui mais de 1.000 (um mil) *Boxes*. Diferentes dos espaços de atividade físicas tradicionais, os espaços de prática do *CrossFit* são chamados de *Box* (CROSSFIT, INC. 2019).

A prática corporal do *CrossFit* tem uma forte apelação a cultura *fitness*. O termo *fit* – de origem inglesa – para Silva (2012), tem significado de encaixe e ajuste, ou seja, condiz com a busca pelo corpo que se encaixe nos padrões de beleza e se ajuste às necessidades que são inventadas e atribuídas pela ideia de defeito e das imperfeições do corpo. Assim, a cultura *fitness* anuncia elementos de propagação do culto ao corpo na medida em que surgem mecanismo de gerenciamento dos modos de vida, de normatização, na busca pela sensação de bem-estar e a chave para estes ajustes dependem diretamente de um corpo que seja modificado.

Frente ao acima exposto, o presente ensaio tem como objetivo interpelar o *CrossFit*, enquanto objeto de estudo da Educação dado que esta prática corporal se insere como parte de um artefato/pedagogia cultural e como tal é dispositivo e tecnologia de melhoramento corporal para construção de significações no contexto das relações de poder/saber sobre os corpos. Para lograr cumprir com o que se propõe, o escrito aborda a prática corporal do *CrossFit* sob a óptica dos Estudos Culturais na Educação, pois acreditamos que esta prática se insere como uma pedagogia cultural. Sendo assim, é central neste ensaio tencionar o conceito de “artefato cultural” de Marluce Paraíso (2004) e “pedagogia cultural” a partir de Tomaz Tadeu da Silva

1 O conceito de *fitness* evoca a adaptação a um modelo estético/moral, que se manifesta no compromisso com os exercícios físicos, as dietas alimentares, as alterações de corpos por meio de intervenções, o consumo de produtos que prometem otimizar o metabolismo humano e o biologicismo da existência (BASTOS et. al. 2013, p. 486).

(2019) com base nos Estudos Culturais do Currículo.

Os conceitos de “artefato cultural” e “pedagogia cultural” se interligam para a construção de nosso pressuposto, pois compreendemos que são inúmeros os espaços onde acontece a educação dos corpos, logo, reconhecemos que estas práticas de melhoramentos corporais, não podem ser desconsiderados no campo dos estudos em Educação. Estes conceitos serão utilizados com a intensão de defender o *CrossFit* como uma prática corporal que trata de novas identidades, além de suspender os modos de como o saber sobre o corpo/sujeito circula e cria novas subjetivações, novos sistemas de representações e de poder. Utilizaremos brevemente a contribuição dos estudos no campo do currículo, como um conjunto de ações que impulsionam a refletir sobre como determinadas práticas são estabelecidas e validadas como legítimas, no entanto, esclarecemos que o currículo não será o foco central desta análise.

Ainda assim, defendemos que pensar sobre as teorias do currículo na educação nos levam a uma visão crítica e reflexiva dos constructos sobre o conhecimento e consequentemente sobre os processos de construções e conceituações de identidades. Deste modo, é a partir dos Estudos Culturais que Paraíso (2004, p. 60) vai defender que, os diferentes públicos e espaços se inserem como “artefatos que ensinam as pessoas uma infinidade de práticas, comportamento, sonhos e desejos que não podem ser desconhecidos pela educação”. Deste modo, arguimos que o *CrossFit* é uma prática corporal, que se insere entre estes artefatos. Ao mesmo tempo em que é fundamentado por diversas áreas do conhecimento para obtenção de suas justificações biomédicas, ele também oferece grande potencial para pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais, estas que se apropriam de fundamentações socioculturais dos estudos sobre o corpo, sem limitá-los ao seu aspecto biológico.

Sobre estas considerações, Paraíso (2004) afirma que a Educação se insere por todo e qualquer espaço, seja nas práticas dos currículos escolares seja nos espaços externos. Outrossim, o contexto contemporâneo, está atravessado por constantes e infinitas estratégias de sedução e controle, propagados pelas mídias e espaços de práticas corporais, que interpelam seus diferentes públicos e implicam nos seus modos de educação do corpo. Em consequência disso, estamos sujeitados a normatizações e modelos, que muitas vezes interferem de forma direta ou indireta sobre o que se ensina no contexto escolar. Além disso, implica diretamente no fazer pedagógico dos professores, especificamente, o professor de Educação Física e sua área, seja qual for seu campo de atuação. Portanto, é a partir do Estudos Culturais que temos a abertura para se pensar na extensão das pesquisas em educação. No caso da Educação Física, estes estudos também foram cruciais para construir novas definições da área, pois ao problematizar os modelos de sujeitos também repensam numa pedagogia da cultura corporal, que considera as vozes e a história de quem (também) constitui a sociedade (NEIRA ; NUNES, 2009).

O Crossfit enquanto pedagogia cultural

Com a entrada dos Estudos Culturais, na década de 1990, no campo da Educação no Brasil e especificamente nos programas de pós-graduação, foram ampliadas as possibilidades de linhas de pesquisa e a produtividade no campo do conhecimento. Sendo assim, com a proposta de ampliação do olhar sobre novas possibilidades de abordagem, de áreas de concentração e consequentemente de objetos de pesquisa, instaura-se no campo da Educação a linha dos Estudos Culturais na Educação. Portanto, esses estudos também se disseminaram por uma análise cultural crítica mediante a expansão e emergência de novos campos de estudos e “novos territórios de investigação engendrados nas sociedades contemporânea” (WORTMANN, COSTA ; SILVEIRA, 2015, p.33).

Além disso, esta linha surge com o desejo de desconectar o campo educativo brasileiro de correntes até então dominantes da década de 1990. A obra “Alienígenas na sala de aula – uma introdução aos Estudos Culturais em educação”, com a primeira edição lançada em 1995, surge com objetivo de abrir os campos dos Estudos Culturais enquanto marco dessa expansão na educação brasileira e já se encontra em sua décima primeira edição, por Tomaz Tadeu da Silva. Nessa obra, destaca-se a necessidade de repensar em um novo modo de existência, de

luta aos interesses sociais e políticos do capitalismo, este que só intensificou a produção e controle dos sujeitos, com interesses de governá-los.

Deste modo, esta obra vem defender novos olhares a partir de uma política da diferença, abrindo espaços para discussões que se estendem a ilimitadas categorias de pesquisa, tais como gênero, sexualidade, pedagogia, instituições culturais, políticas da estética, identidade nacional, política de identidades, e assim por diante, que segundo Nelson, Treichler e Grossberg (2008, p.08), “[...] nenhuma lista pode limitar os tópicos dos quais os estudos culturais podem tratar no futuro”.

Corroborando com estes aportes, pode-se destacar também que na década de 1980 no campo da Educação Física, houve um movimento de inserção das ciências humanas para interpelar o corpo e suas práticas muito fortemente influenciadas pelos estudos do corpo a partir da cultura. Sob esta perspectiva, se destacam: o livro de João Paulo Subirá Medina “a Educação Física cuida do corpo[...] e mente” lançado no ano de 1983; a obra “Metodologia do Ensino da Educação Física” de autoria do “Coletivo de Autores²” publicada em 1992; e, a obra “Educação Física: ensino e mudanças” de Elenor Kunz no ano de 1991. Toda esta bibliografia apresenta uma Educação Física crítica reflexiva, superadora e emancipatória, na qual, ainda hoje, se estabelecem como ícones de uma época de crise epistemológica no campo que culminou na inserção das ciências sociais e humanas na Educação Física – e por consequência, os estudos a partir da cultura.

No entanto, mais recentemente, a área da Educação Física vem sendo influenciada pelos estudos de Marcos Garcia Neira, cuja base teórica fundamenta-se especificamente nos Estudos Culturais, o qual leva a refletir e questionar sobre o tipo de sujeito que o projeto educativo hegemônico formou e continua formando. Seus estudos problematizam as relações de poder, as políticas de identidade e conseqüentemente induz a repensar sobre a pedagogia da cultura corporal. Sendo assim, suas investigações sobre o currículo da Educação Física, são inspirados nos Estudos Culturais, não para tratar meramente dos conteúdos e conhecimentos a serem trabalhados no contexto de educação básica, mas, por ampliar o olhar decisivo na constituição de identidades, representações construídas sobre determinado objetos de conhecimento da área, bem como, os currículos que se reproduzem e produzem diante da educação do sujeito.

Sobre estas considerações, tanto Nelson, Treichler e Grossberg (2008) quanto Neira e Nunes (2009) defendem que pensar no currículo a partir dos Estudos Culturais, é concebê-lo enquanto espaço de lutas no qual organiza modos de ser e por isso forjam identidades. Deste modo, pode-se pensar na contribuição dos Estudos Culturais enquanto meio amplo de pensar a educação, de pensar seus objetos de estudos que talvez ainda nem imaginamos (GREEN ; BIGUM, 2008). Além disso, dentre as contribuições dos Estudos Culturais na educação, Wortmann, Costa e Silveira (2015, p. 34), ainda formulam que este possibilita que não haja delimitações nas pesquisas sobre o campo da educação, uma vez que, ele abarca em um amplo questionamento, em espaços, instituições múltiplas, práticas, temáticas diversas e problematiza toda a “produtividade da cultura nos processos educativos em curso nas sociedades de hoje”.

Além disso, baseando-se nos modelos de cultura contemporânea, amplia-se as possibilidades de pesquisa a partir dos Estudos Culturais, uma vez que, os contextos e experiências fornecem espaços possíveis de intervenção, atravessados pelo tempo, espaços, história e as lutas política, que estão em constante questionamentos e reformulações. Neste prisma, pensar nos Estudos Culturais como possibilidade infinita, implica reconhecer que estamos numa sociedade de crianças, jovens e adultos cada vez mais cheios de necessidades, complexidade, de discursos contraditórios e identidades diversas (NELSON; TREICHLER; e GROSSBERG, 2008).

Dentre os contrapontos a essa linha, houve críticas que argumentaram um distanciamento de questões mais específicas e ditas favoráveis às ações educativas escolares. No entanto, com a expansão dos Estudos Culturais surgem novos discursos que auxiliam diretamente a

2 O que ficou conhecido como Coletivo de Autores refere-se aos responsáveis pela autoria do livro “Metodologia do Ensino da Educação Física” publicado em 1992 (Soares, et al, 1992). Foram autores dessa obra: Micheli Ortega Escobar, Elizabeth Varjal, Valter Bracht, Celi Taffarel, Carmen Lúcia Soares e Lino Castellani Filho. Esse livro se tornou um marco na busca de uma sistematização das propostas oriundas do Movimento Renovador da Educação Física brasileira que, durante os anos 1980, desempenhou uma crítica às propostas tradicionais que vigoravam na Educação Física brasileira naquele período.

refletir o campo da educação, ressignificando questões que até então não haviam sido questionadas, as quais tornaram-se práticas meramente naturalizadas, sem problematizar seus efeitos sobre a educação. Neste sentido, Wortmann, Costa e Silveira (2015) apresentam alguns estudos sobre esta perspectiva e aponta que:

[...] muitos desses estudos se valeram do pensamento foucaultiano para problematizar práticas pedagógicas e políticas públicas governamentais e não governamentais relacionadas com a alfabetização, a escolarização e a docência e os modos como essas foram produzidas nas esferas social, cultural e política. Apontam para como instituições, procedimentos, reflexões, cálculos, práticas e táticas envolvidas nos processos educativos examinados implicam, gestam, deslocam, organizam e reorganizam relações de poder/saber regulando ações dos sujeitos e das populações. Neles são abordadas facetas da governamentalidade [...] (WORTMANN; COSTA ; SILVEIRA, 2015, p.36).

Diante disso, buscando delimitar a discussão deste ensaio, foi pensado em algumas direções que os Estudos Culturais têm assumido com a educação. No entanto, ainda que nem sempre possa tratar de assuntos que estejam inseridos de modo direto na configuração de saberes escolares, ele implica em olhares que direcionam práticas e que interferem no modo de enxergar os sujeitos, seus corpos em relação consigo, com o outro e com o mundo. Pensando nisso, os Estudos Culturais se apropriam do conceito de “pedagogias culturais”, para discorrer sobre os múltiplos e infinitos processos que são educativos, que se estendem para além das quatro paredes da escola, ou seja, não limita seus campos de estudo aos lugares que historicamente foram tidos como detentores do ato de educar. Assim, para Silva (2000b, p.89), será uma pedagogia cultural, “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores”. Assim, a família, igreja, centros de educação estéticas, até mesmo as redes de comunicações diversas se insere como uma pedagogia, política e tecnologia cultural.

Além disso, visualizamos que é partir dos Estudos Culturais, que surge a possibilidade de refletir a pedagogia como uma prática cultural, concebendo uma visão mais ampla também para a noção de pedagogia. Contribuindo com este pensamento, Simon (2008, p.71) se baseia no que ele defende enquanto “tecnologia cultural, ou seja, conjuntos de arranjos e práticas institucionais intencionais no interior dos quais várias formas de imagens, som, texto e fala são construídas e apresentadas, e com as quais, ademais, interagimos”. Deste modo, tanto o teatro, o cinema, os festivais e rituais religiosos, ou mesmo centros estéticos ou contextos escolares, são produtores de significados. Portanto, são passíveis de formulação e regulação de identidades, pelo governo e controle das necessidades, desejos e sobretudo pelo controle de como nossos corpos/sujeitos devem ser ou o que poderão ser no futuro.

As tecnologias culturais, corroboram e complementam com as reflexões centrais propostas tanto por Silva (2019) quanto por Paraíso para refletir o funcionamento dos artefatos culturais, pois enquanto produtos do processo de construções sociais, também se envolve em um sistema de significações “implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder” (SILVA, 2019, p.142). Paraíso (2004) vai afirmar que os artefatos culturais engendram o conflito sobre o que se ensinam no contexto de educação escolar, e, portanto, oportunizam problematizar os tempos e espaços de educação das pessoas no mundo.

Sobre essas considerações, Simon (2008) também apresenta que, na medida em que as tecnologias culturais são conjuntos de práticas que normalizam identidades, elas também podem e devem ser usados enquanto modos de contestar os horizontes normalizadores. Assim, seja os cineastas, escritores, diretores, professores, em qualquer pedagogia cultural que estejam inseridos, constroem uma provocação de semiose, ou seja, uma constante prática de

produção de significados, que podem e devem serem refletidas e contestadas.

Deste modo, delimitamos neste escrito que nossa análise se baseará no conceito de pedagogia cultural, considerando a pedagogia enquanto prática cultural, que se articula aos mais diversos campos de produção do saber, além de considerar a cultura como um campo de luta (HALL, 2003). Sendo assim, considera-se também a pedagogia cultural enquanto território de construções e reconstruções que implicam na produção de semiótica, que, portanto, dão significados às coisas e as pessoas, atribuindo a ideia de quem elas e os demais são e quem se tornarão no futuro.

Contudo, tencionamos a pedagogia cultural como central, tendo em vista que em seus processos culturais possuem um caráter ainda mais educativos “orientados por relações sociais assimétricas” Deste modo, também se leva em consideração que, as pedagogias culturais interligam-se por meio dos artefatos culturais, e, portanto, seus processos “educativos” embora nem sempre se apresentem explicitamente como intencionais, promovem um corpo de conhecimento, que influenciarão comportamentos (SILVA, 2019, p.139).

A partir disso, ainda argumentamos que em meio a arte de controlar e governar os sujeitos, as pedagogias vão surgir no cenário atual para abarcar os mais distintos contextos. Sendo assim, Wortmann, Costa e Silveira (2015) apresentam algumas pesquisas de outros autores que irão fundamentar as pedagogias culturais como objeto de estudo, apontando assim, a flexibilidade e espaços plurais que dão possibilidade de discussões sobre a função pedagógica de determinadas ações e produções de significados.

Tendo como base estas premissas, e corroborando com Carvalho (2002) quando afirma que, tanto a sociedade do consumo quanto do espetáculo produz sua própria pedagogia, assim, compreende-se diversos delineamentos para pedagogias culturais que são definidas por algumas tendências. Wortmann, Costa e Silveira (2015) defendem que as pedagogias culturais operam a partir da formulação de sujeitos pelas representações dos modos de ser, por meio dos apelos e padrões midiáticos, assim, possuem uma função pedagógica ainda que moduladora. Outro modo de condução das pedagogias culturais, vincula-se pelo acionamento de complexos mercantis midiáticos, pois, como sugere a própria nomenclatura, são modulados numa função pedagógica de formar consumidores de determinados produtos da indústria midiática. Por fim, estes autores apresentam uma outra tendência que são as pedagogias culturais e cuidados de si os quais “aludem aos cuidados/técnicas de si, ao governo das condutas, à produção de subjetividades” (WORTMANN; COSTA ; SILVEIRA, 2015, p.39).

É sobre estas tendências, e em mais conformidade com esta última tendência que formulamos nossa análise, refletindo a partir dos modos de educação do corpo que estão sendo conduzidos pela prática corporal do *CrossFit*. Partimos do pressuposto que este torna-se um dispositivo contemporâneo que traz novas identidades, ou mesmo que, criam e produzem subjetividades a partir da propagação da cultura *fitness*. Aqui, entendemos o dispositivo a partir de Agamben (2009, p.40) que menciona que o dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. Este filósofo italiano vai chamar de sujeito tudo o que resulta da relação do corpo a corpo entre os vivos e os dispositivos.

O *CrossFit* repercute enquanto um programa inovador de treinamento com um conjunto de exercícios diversificados, abrangente e inclusivo, tem como objetivo a execução de sessões de treinamento de alta intensidade, no menor tempo possível em um conjunto maior de repetições, buscando desenvolver a aptidão e otimização das capacidades física, preparando os praticantes para qualquer contingência física (GLASSMAN, 2018).

Diante dessas características, essa prática corporal se insere como um elemento de empenhimento do corpo, cujos objetivos contemplam por uma busca incessante do “vir a ser”, por isso, se insere na propagação da cultura do corpo *fitness*, esta que forja consumidores que atuam sobre si mesmas a partir do que lhes foi estrategicamente gestado. Os termos “*Cross*” e “*Fit*” são termos originários da língua inglesa e possuem significados que se alteram de acordo com a tradução. O termo “*fit*” tem sentido de encaixe e ajuste cuja tradução apresenta “estar em forma”, já o termo “*cross*” significa “atravessar”. Deste modo, a palavra/expressão *Cross-*

Fit pode ser pensada como um caminho, uma travessia para o “estar em forma”, um método para se atingir uma boa forma corporal. O *fit* tem relação com a cultura *fitness* e o “ness”, de acordo com a língua inglesa, é um sufixo que transforma adjetivos em substantivos abstrato, designando um estado, uma condição – *awareness*-consciência. Deste modo, o termo *fitness* está associado à busca por “estar em boa forma física”, relacionado ao estado de bem-estar do sujeito a partir de sua aptidão.

Essas premissas apontam que a prática do *CrossFit*, vai além dos preceitos de saúde, pois, o próprio sentido de saúde e beleza são corporificados à necessidade de reproduzir um ideal de corpo. Deste mesmo modo, Goellner e Silva (2012) afirmam que a cultura *fitness* dissemina uma representação de corpo envolto dos sinônimos de beleza, de vida saudável, bem-estar, qualidade de vida e vida ativa. Assim, idealiza e padroniza uma positividade modificada dos conceitos de beleza estética o que conseqüentemente classifica os corpos enquanto certos ou errados, adequados e inadequados, perfeitos e imperfeitos.

Justamente por estas padronizações que a cultura *fitness* promove uma cultura corporal que dissemina discursos de normalização, exclusão e do modelo de corpo ideal através da avaliação constante dos corpos, quanto a sua adaptabilidade, autocontrole, saúde e beleza dita natural (LANDA, 2009). Corroborando com esta análise, estas classificações são explicadas a partir dos significados de normalização por Michel Foucault, uma vez que, na normalização está inserida a ideia de disciplina, de controle e intensificação das capacidades individuais. Assim, “a norma é tanto aquilo que se pode aplicar a um corpo que se deseja disciplinar como a uma população que se deseja regulamentar” (FOUCAULT, 1999, p.302).

Deste modo, o *CrossFit* tem uma potente representação e função que prescreve comportamentos, aparências, modos de ser e agir, formulando assim uma “identidade crossfiteira”. Por estas afirmativas, considera-se que “as pesquisas em educação desenvolvidas na perspectiva dos Estudos Culturais da vertente pós-estruturalista têm mostrado essa pluralidade de pedagogias em atividade nos múltiplos espaços e artefatos que circundam, transcendem e atravessam a escola” (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, p.39, 2015).

De acordo com a ampliação do que haviam limitado enquanto, educativo e pedagógico, visualizamos o *Crossfit* enquanto uma pedagogia cultural, pois está contemplado num espaço de ensinamentos e aprendizagens, ou seja, uma pedagogia sobre os modos de educação do corpo. Visando compreender estas afirmativas, analisamos esta prática corporal, a partir da compreensão do que os praticantes se auto denominam por uma “identidade crossfiteira”. Na perspectiva dos Estudos Culturais, Paraíso (2004 p.58) apresenta que a identidade é responsável por “definições sobre quem pertence ou não a um determinado grupo”. Além disso, a identidade também se relaciona com o conceito de diferença, pois ambas se constroem juntas de modo que ao afirmarmos determinadas identidades, afirmamos automaticamente aquilo que não se é.

Deste modo, Silva (2000a, p.74) afirma que: “da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe”. Sendo assim, a diferença existe numa estreita relação com a identidade, pois ela define-se sobre aquilo que o outro não é. Por isso, não há como separar identidade de diferença tendo em vista que “as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade” (SILVA, 2000a, p, 75).

Sobre estas considerações, identidade e diferença estão em constantes disputas e manifestações de poder, tendo em vista que, ao fixarmos determinada identidade também delimitamos e construímos normas. Assim, considera-se que há uma limitação da “identidade crossfiteira”, a qual baseia-se numa normalização do padrão. Esta análise está em consonância com o que Foucault (2004) vai defender sobre o governo dos sujeitos pois são nessas limitações que ocorrem a estruturação da ação do outro, através dos discursos que se propagam nas redes sociais, na pedagogia que se utiliza nos boxes. Assim, vemos operar sobre os sujeitos, o controle de seus corpos e de suas condutas, determinando identidades e subjetividades. Assim, podemos mencionar que o *CrossFit* é uma forma de poder, uma prática corporal que transforma indivíduos em sujeitos.

A palavra “sujeito” tem dois sentidos: sujeito submetido ao outro pelo controle e sujeito tornado aderente à própria identidade através da consciência ou do conhecimento de si. Nos dois casos, essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e sujeita” (ESPOSITO, 2017, p. 48).

Diante dessas considerações, pode-se refletir que o *CrossFit* repercute numa naturalização de necessidades que são intencionados como um modo de regulação, projetando assim, um corpo normalizado como ideal. Sant’ana (2001) apresenta que pelas práticas corporais contemporâneas, o corpo começa a fazer parte de uma divulgação da moda, no qual ele ganha espaço de divulgação publicitária pela promessa da indústria da alegria. Portanto, é possível pensar nessa prática corporal enquanto uma técnica de controle, que se baseia nas estratégias de governo dos comportamentos dos sujeitos ou, até mesmo, em consequência disso, o controle de uma determinada massa populacional.

A educação do corpo desse grupo se insere num contexto de investigação que potencializa pensar nos usos do corpo-sujeito, por deslocamentos de interesses diversos. Dentre esses interesses, pensamos inicialmente que, as práticas corporais, se inserem como técnicas que prometem em nome da manutenção da saúde, um melhoramento dos funcionamentos naturais da vida, ou seja, técnicas estas que são nutridas por promessas de conquista pela melhor versão possível do corpo. Sobre estas considerações, podemos analisar tal prática a partir do que Michel Foucault irá chamar tecnologias de controle como estratégia de regulação da vida, numa escala que poderá ser de nível individual ou até mesmo coletivo (MILLER; ROSE, 2012).

Nesta reflexão, Resende (2018, p. 78) irá apresentar que o corpo passou a ser “tanto instrumento de poder, quanto o meio de entrada da vida na história”. “Para potencializar a si mesmo, o poder é obrigado a potencializar, ao mesmo tempo, o objeto sobre o qual se descarrega. E não somente isso, mas, como vimos, torna-lo sujeito do próprio assujeitamento” (ESPOSITO, 2017, p. 50). Sendo assim, o corpo é tanto instrumento quanto alvo e ganha uma exposição publicitária por méritos de uma articulação de poder sobre a vida.

Para esta compressão, os discursos Foucaultianos contribuem para esclarecer que, por meio do biopoder o corpo foi articulado enquanto objeto disciplinar e regulador, tendo em vista, a anátomo-política do corpo individual e a controle da massa pela biopolítica, numa sociedade que se projeta pelo projeto de normalização. Deste modo, a norma se incumbem de tentar padronizar do orgânico e biológico, como referenciais para disciplinar e regular. Com o surgimento de um novo corpo, que passa do individual ao populacional, Foucault (2008) vai definir que a tecnologia biopolítica implanta mecanismos que tratam de estimativas, projeções, estatísticas, e, especialmente, de intervenções e de modificações de fenômenos dimensionados em escala global e que corresponde à biorregulação.

Sendo assim, no contexto do *CrossFit*, pode-se fazer o comparativo com a tentativa de padronização de um estilo de vida, de uma estética e de uma subjetivação, tanto por técnicas disciplinares quanto de regulamentação. Nesse cenário, se insere a regulação disciplinar pela prática dos exercícios repetitivos e avaliações das práticas individuais, e ao pensar a nível grupal, faz-se referência a definição de biopolítica, a qual Foucault apresenta que esta atua numa escala de estatística, projetando corpos cada vez mais úteis, politicamente regulados, em equilíbrio e dóceis a nível de uma determinada população.

Sobre estes discursos, pode-se pensar que, na prática do *CrossFit*, existem interesses que preservam o discurso da individualidade biológica de cada sujeito praticante, no entanto, ao mesmo tempo que busca nessa individualidade a regular o corpo coletivo, pois se baseiam na proposta de prática conjunta. Ao pensar nesse corpo coletivo como meio de biorregulação, surgem os chamados dispositivos de segurança, que, segundo Resende (2018), “vão atuar como novas técnicas de governo, controlando os riscos e efetuando intervenções na gestão das pessoas e das coisas”. A partir deste pressuposto, ao considerar essa prática corporal como campo de análise, pode-se afirmar que numa perspectiva foucaultiana, o *CrossFit*

se estabelece enquanto um dispositivo de segurança, que em nome da saúde, do autoconhecimento, produz uma contínua atividade econômica dessa população, como uma técnica de biorregulação.

Contudo, em meio aos cenários contemporâneos, afirma-se que é possível e necessário, analisar o *CrossFit*, enquanto uma pedagogia cultural, não apenas para pensar neste enquanto campo de estudos na educação como já citado. No entanto, considerando um campo rico para problematizar, a materialidade, as normas regulatórias sobre a educação do corpo, ou até mesmo, concebê-lo como possibilidade de subverter e desestabilizar outras identidades.

Considerações Finais

Em síntese, é possível considerar que a partir do Estudos Culturais na educação, há possibilidades infinitas de usar determinados espaços enquanto campos de lutas. Portanto, investigar como se da educação do corpo, não se materializa em uma mera tentativa de defini-lo ou mesmo estruturar e encontrar um lugar de encaixe do corpo/sujeito no *CrossFit*. No entanto, a intenção é contribuir com a construção de novos estudos e práticas que possam sempre problematizar, desnaturalizar, destacar os modos que são dados como certos ou errados. Sendo assim, visando uma prática anti-normalizadora, mas, também reconhecendo que sempre haverá outros modos de submissão e subversão, e que os diversos campos da Educação estejam abertos a essa experimentação.

Interpelando o corpo a partir das práticas corporais significa reflexionar sobre a política que funda os processos de incorporação de sentidos sociais dos usos do corpo. Compreender as práticas corporais e a educação dos corpos via leitura histórica das políticas (mecanismos e instituições) que os fixaram e legitimaram, por exemplo, como “*fit*” ou “*fat*” (como belos ou feitos...) é passo importante para desnaturalizar o naturalizado e tirá-los das amarras do dispositivo da norma.

O corpo como suporte material da política, deve ser o ponto de partida para se pensar uma política pautada na ética e na estética de corpos singulares, de corpos que resistem a uma modernidade que fabrica corpos em série para fazer girar as engrenagens do neoliberalismo, das engrenagens da norma. Por isso nos propomos interpelar o *CrossFit* como objeto da educação na medida em que esta prática corporal implica nas reflexões críticas acerca das objetificações, assujeitamentos e construção de subjetividades dos corpos, ações essas essenciais para a produção de significados, representações e a reflexão dos horizontes normalizadores da sociedade.

Referências

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: ARGOS, 2009.

BASTOS, W. *et al.* Epidemia de fitness. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 485-496, abr./jun., 2013.

CARVALHO, A. F. de. **Além dos arcos dourados: a pedagogia cultural do Mcdonald's**. 2002. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CRISORIO, R. Actividad(es) física(s) versus prácticascorporales. In: GALAK, Eduardo; GAMBAROTTA, Emiliano. (Orgs). **Cuerpo, Educación, Política: tensiones epistémicas, históricas y prácticas**. Buenos Aires: Biblos, 2015. p. 21-39.

CROSSFIT, Inc. **CrossFit Journal**. [on-line]. 2019. Disponível em: <https://www.crossfit.com/>. Acesso em: 05 dez. 2020.

ESPOSITO, R. **Bios: biopolítica e filosofia**. Tradução de Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. p. 264-287. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GALAK, E. Construir el cuerpo: cuatro consideraciones epistemo-metodológicas y tres metáforas para pensar el objeto de estudio 'cuerpo'. **Poiésis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVALI**. Tubarão/SC, v. 8, n. 14, p. 348-364, jul./dez., 2014.

GOELLNER, S. V.; SILVA, A. S. Biotecnologia e neoeugenia: olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, Edvaldo; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, p. 188-210, 2012.

GLASSMAN, G. **O Guia de treinamento de nível 1**. *CrossFit Journal*. Direitos Autorais CrossFit, Inc., 2018.

GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígena na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 208-243.

HALL, S. **Notas sobre a desconstrução do "popular"**. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais/ Stuart Hall; organização Liv Sovik; Tradução: Adelaide La Guardia Resende... [et al] – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

LANDA, M. I. Subjetividades y consumos corporales: un análisis de las prácticas del fitness en España y Argentina. **Razón y Palabra**. México, DF, v.14, n. 69, p. 01-34, jul./set. 2009.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo...e "mente": bases para a renovação e transformação da educação física**. Campinas: Papirus, 1983.

MILLER, P.; ROSE, N. **Governando o presente: gerenciamento da vida econômica, social e pessoal**. São Paulo: Paulus, 2012.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Editora Phorte, 2009.

NELSON, C.; TREICHLER, P. A.; GROSSBERG, L. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. P. 07-38.

PARAÍSO, M. **Contribuições dos estudos culturais para a educação**. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, 2004a.

RESENDE, H. de (Org.). **Michel Foucault: A Arte Neoliberal de Governar e a Educação**. São Paulo: Intermeios, 2018.

SANT'ANNA, D. B. de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SILVA, A. L. dos S. Imperativos da beleza: corpo feminino, cultura fitness e a nova eugenia. **Cadernos Cedex, Campinas**, v. 32, n. 87, p. 211-222, mai./ago., 2012.

SÍLVA, T. T. da et al. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. **Petrópolis, RJ: Vozes**, 1995.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000a. p. 73-102.

_____. **Teoria cultural e educação**. Um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica. Editora, 2019.

SIMON, R. I. A Pedagogia como uma tecnologia cultural. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. (p. 61-84)

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

WORTMANN, M. L.; COSTA, M. C. V.; SILVEIRA, R. M. H. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. Ano: 2015; ISSN: 1981-2582; **Revista: Revista Educação (PUCRS. Online)**.

Recebido em 10 de dezembro de 2020.

Aceito em 18 de maio de 2021.